

COMUNICAÇÃO

OS ESTUDOS DE D. MARIA CAROLINA E A MUDANÇA DA CAPITAL¹.

Angela Cristiana Sampaio
Mestrado em Sociologia/Fafich/UFMG

“miséria é miséria em qualquer canto
 riquezas são diferentes
 fracos doentes aflitos carentes
 riquezas são diferentes
 o sol não causa mais espanto
 miséria é miséria em qualquer canto
 cores raças castas crenças
 riquezas são diferentes”
 (MISÉRIA;Antunes,Brito,Miklos)

Diferenças. Palavra banalizada, mas que se constitui em um conceito difícil de ser respeitado, inclusive em análises históricas. O observador/pesquisador, na maioria das vezes, despossui o seu objeto de sentidos, os quais não reconhecem, por perceber cegamente nele atributos e questões anacrônicas, as quais constituem o seu presente, e não pela reconstrução atenta as teias do passado que revestem esse objeto².

Esperando não incorrer nessa limitação analítica, propondo fazer aqui um breve exercício, uma tentativa de levantar alguns elementos que possam ser acrescentados à discussão sobre os significados da construção de Belo Horizonte. E através de um discurso jornalístico sobre um tema particular, a educação formal da mulher brasileira, em fins do século XIX, foi possível detectar um eixo analítico – o conhecimento científico, e o que dele pode decorrer, como saneador dos espaços, corpos e espíritos - recorrente nos “discursos mudancistas” (da capital).

Utilizando uma matéria do jornal “Gazeta de Ouro Preto” (OP), publicado em 25/jan./1888, sobre o ingresso de uma mulher, D. Maria Carolina de Vasconcelos - seu nome dá o título à matéria como ouvinte, na Escola de Farmácia de Ouro Preto, algumas questões pertinentes, ao que foi mencionado acima, se colocam. Mantendo a grafia da época, segue-se um de seus trechos mais expressivos:

“A mulher brasileira...é o que infelizmente nós vemos: tem por única instrução o catecismo na infância, os omances damnhinhos na puberdade de colaboração com a valsa ao piano e o canto piegas. Excessivamente sentimental, desconhecendo o homem e a si, as mais das vezes levianamente namora na janela ou na sala. Fraca de espírito e de corpo, chlorotica, ignorando os preceitos da hygiene, abusando do espartilho, da anquinha e do salto alto, que alem de arruinarem-lhe a saúde tornaram-se ridícula e caricatura, aguarda o futuro para condenar a prole as enfermidades do espírito e do corpo.

“As questõe de interesse geral, ela não as compreende, vive em um mundo à parte, fora de circulação das idéias. Ignora o que seja a pátria, ciência e humanidade – não concebe o mundo em que gravita o homem do qual só sabe apreciar o aspecto da futilidade. (...)”

Futilidade. O autor do trecho acima, de uma forma apaixonada, faz eficiente discurso sobre a necessidade de uma nova mulher para habitar o mesmo mundo do homem moderno. Alinhando elementos domo pieguice, sentimentalismo, alienação, leviandade, etc, que seriam construtores dos hábitos das mulheres de sua época, ele eficientemente critica uma visão do mundo e propõe uma outra.

Futilidade. Homem é apresentado , apesar de ausente, como marco definidor de uma nova racionalidade que revoltaria frente a infantilidade, permissividade, morbidade, ridículo, que estariam presentes no comportamento feminino. Mas, é interessante observar que ele, o homem, não é parceiro ou cúmplice da mulher na constituição e usufruição desse modo de vida deverá ser abandonado.

Futilidade. Critica-se o comportamento, porem deixam-se de lado as estruturas, as instituições, intocáveis. Ressalta, nesse pequeno trecho produzido, a importância dada à família, e mais ainda, sob uma nova ótica, à família higienizada que buscará muito mais na medicina, do que na religião, por exemplo, os princípios de sua organização. A higienização ditaria regras que afugentariam não so as mazelas das doenças do corpo como também colocaria nos trilhos os espíritos fracos das mães, esposas, irmãs, filhas...

Futilidade. Fala-se da entrada de D.Maria Carolina em uma escola de ensino superior e ao esmo tempo da necessidade de se criar algo novo, o lar. A casa não sendo mais colocada como o espaço de dispersão ou do sonho, mas como espaço privado complementar a um outro território, o publico, que se pretende engajado e responsável , enquanto atento para as idéias do mundo. E a Escola Superior de Farmácia deveria fazer parte deste processo enquanto lugar de discussão, leituras sérias, avaliação de competência, etc...

Futilidade. Pátria. Ciência. Humanidade. Esclarecedor que apelo à pátria, em uma província de iniciativas separatistas, se coloque junto com elementos que diluem interesses imediatos – não se falando em domínio de uma região sobre outras, de uma religião sobre outras ou de uma classe social sobre outra. Fala-se, ao contrário, de uma crença na objetividade da ciência, que estabeleceria a circulação de idéias, suprimindo necessidades, eliminando dificuldades, a qual poderia reunir todos sobre o mesmo teto, sem conflitos ou mesmo sem o desagrado da convivência com posturas caricaturais – a sobriedade, a economia também das emoções se faria necessária para os novos tempos que estariam por vir. Ou ainda na denuncia da ignorância egoísta das mulheres, brasileiras, que não as permitiria superar os limites da sala ou da cozinha, incorporando os saudáveis anseios da humanidade.

A tentativa de ver o todo, de desvincilhar-se das experiências particulares e, através da ciência, da medicina social, propor uma nova racionalidade, se faz presente também na documentação que tenho utilizado sobre a mudança da capital, de Ouro Preto para Belo Horizonte, o que se efetivou

em 1897 com a sua inauguração. Importante foi perceber como este mesmo discurso - dos novos tempos, do progresso, do moderao - estava se intiojetando nas pessoas e se reproduzindo fluentemente, segundo particularidades, frente aos inimigos, os mais diversos, que privilegiavam'.

Buscando-se desmontar o "discurso mudancista" (da capital) pode-se ver que ele se pautou na valorização de se criar um centro catalisador que propiciasse o desenvolvimento econômico, cultural, social de Minas, estimulando a industrialização, propondo uma superação do passado colonial, repensando o espaço urbano, via medicina social. O capitalismo, que não se fazia presente, em sua totalidade, nas relações sociais de produção, em Minas no século XIX, se realizaria através da penetração e tentativa de racionalização massificadora, questionando, adaptando, substituindo praticas sociais e instituifenalizando o individualismo biirgues'.

O individuo adquiriria, frente a. essa racionalidade, um novo "status", aquele que teria a informação ampliada sobre o murido não mais como possibilidade,mas-sim como necessidade vital. A desinformação sobre padroes de pensamento/comportamento estabelecidos por outras sociedades modernas, no que se referem a alimentação, sexo, sociabilidade, vestuario, etc., implicaria o qiestionamento de sua saude moral. Não somente se definiriam as pessoas pelos criterios cristãos, do bem e do mal, a ciência se propbria como o instrumento legitimador ou desqualificador das praticas cotidianas. As pessoas, assim, não somente deveriam fazer ou usar alguma coisa, mas deveriam ter a noção de valores, segundo a qual um costume seria melhor ou pior que outro para a sua saude fisica e espiritual, valores que lhes permitiriam inserir-se no mundo civilizado.

É saboroso deparar com um texto como este, produzido por um jomal quinzenal, estimulado pela atitude decidida de D. Maria Carolina, no qual o seu autor da asas a imaginação e afia, uln por um, dentes, dentre muitos outros, que vão dilacerando um universo simbolico de uma época.

NOT AS

- 1-Esta comunicação faz parte do desenvolvimento de minha dissertação de mestrado em Sociologia/FAFICHAJFMG, sob a orientagao da professora Dea Ribeiro Fenelon, sobre a mudanca da Capital de Minas e as contribuições dos preceitos da Medicina Social neste processo.
 - 2-ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *Compreensão da realidade national i um desafio para cientistas sociais*. FSP, 22/09/90, p.5-6 (Cad. Letras.)
 - 3-COSTA, Jurandir Freire. *Ordem medica e norma familiar*. Rio de Jáneiro: Graal, 1980.
 - 4-OLIVEIRA, Lucia Lippi. *A questão national na primeira Republica*. São Paulo: Brasiliense, . 1990.
 - 5- Entre outros, veja-se a campanha feita pelo jornal "O Diabinhb" (OP), durante a década de 1880, contra o entrudo e em apaixonada defesa racionalista pela pratica do carnaval.
 - 6-MURICY, Katia. A razao cetica Machado de Assis e as questoes do seu tempo.
- LPH – Revista de História, v. 2, n 1, p. 05-16, 1991